



Krugman passou a ser altamente conceituado depois de prever a crise no Sudeste Asiático e apontar as fragilidades da economia japonesa

# Equipe econômica eleger Krugman como seu guru

■ Para Pedro Malan, economista é um dos “mais lúcidos e influentes de sua geração”

BRASÍLIA – Paul Krugman virou uma espécie de guru da equipe econômica do governo. Ele tem sido freqüentemente citado pelos ministros, assessores e técnicos como o economista que fez a melhor análise da crise asiática desde que ela começou. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, chegou a mandar colocar o artigo de Krugman sobre o assunto, que o **JORNAL DO BRASIL** publica hoje na íntegra, na página do Ministério na Internet e a recomendar a leitura do texto em uma palestra para empresários em Brasília. Para Malan, “Paul Krugman é um dos mais lúcidos e influentes economistas de sua geração”.

Além da sólida formação acadêmica e de suas contribuições teóricas, diz o ministro, “tem duas características raras dentre bem-sucedidos economistas acadêmicos: escreve de forma absolutamente clara quando se propõe a participar de um debate mais amplo com o público não especializado e, principalmente, é capaz de reconhecer, modesta e especificamente, o caráter tentativo de algumas de suas interpretações, deixando claro que não se considera um profundo conhecedor da economia do país A, B ou C (embora possa mencioná-los)”. E, por último, comentou Malan, “não costuma fazer previsões de curto prazo”.

É difícil fazer análises teóricas no calor dos acontecimentos, explicar os fatos quando eles ainda estão ocorrendo. Mas mais difícil ainda é reconhecer as deficiências de análises anteriores, afirma o economista Fábio Giambiagi, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Raríssimos economistas disseram, como Krugman, que o modelo asiático poderia vir a ter problemas. No entanto, diz Giambiagi, ele teve a humildade de reconhecer que nem de longe, ao fazer aquela análise, imaginou uma crise nas proporções da asiática.

Economista do respeitado Massachusetts Institute of Technology (MIT), de Boston, Estados Unidos, Krugman tem um sólido trabalho analítico sobre regimes cambiais e comércio internacional. Na análise que desenvolveu sobre a derrocada dos chamados Tigres Asiáticos, e sobre a economia japonesa, Krugman apontou um problema que o governo acha que o Brasil não tem mais: um sistema bancário mal regulamentado, fragilizado por empréstimos mal feitos e não pagos.

**Crises** – “A tese não é nova”, diz o economista paulista Irineu Carvalho, pesquisador do tema na equipe de outro economista americano famoso, Rudiger Dornbusch, também no MIT. A mesma análise foi feita por Carlos Diaz-Alejandro, na década de 80 sobre a crise cambial do Chile, no livro *Good Bye Financial Repression...Hello, Financial Crash* (Adeus repressão financeira...olá, quebra financeira, publicado em 1985 no *Journal of Development Economics*), lembra Carvalho. Mas trouxe uma luz sobre o porquê de países considerados exemplos durante as décadas de 80 e 90 terem entrado em uma espiral de crises sucessivas que não parecem perto do fim.

Foi o suficiente para que a equipe econômica pegasse o mote: o Brasil já teve esse problema, quando os grandes bancos Econômico, Banespa, Bamerindus e Nacional quebraram. Mas o governo agiu, houve o Programa de Apoio à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro (Proer) que saneou o sistema e, agora, nosso problema é o déficit fiscal e das transações correntes. “Mas isso não quer dizer que o Brasil não tenha um problema e que esteja imune à crise da Ásia”, diz Carvalho.

No primeiro momento da crise asiática, quando a Tailândia, isoladamente, começou a enfrentar

problemas, as análises, então, se voltaram para o grande déficit em transações correntes daquele país, algo entre 8% e 9% do Produto Interno Bruto (PIB). Um déficit similar ao do México, na crise de 1994. O governo brasileiro, naquele momento, observou que o Brasil tinha uma situação muito diferente da Tailândia, porque seu déficit em transações correntes era praticamente a metade.

Esse argumento de que o Brasil não era a Ásia continua válido hoje, mas por razões diferentes, observa Giambiagi. Nos últimos tempos o governo vem frisando que o que diferencia o Brasil da Ásia é a situação mais sólida de seu sistema financeiro, uma questão que só ganhou relevância quando a crise contagiou outros países da região, revelando a fragilidade de suas instituições financeiras.

Para o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, o artigo de Krugman traz um importante alerta ao tratar do risco moral, da fragilidade criada em situações em que os intermediários financeiros não têm medo de correr risco porque não têm qualquer responsabilidade se emprestarem mal o dinheiro e tiverem prejuízo. No Brasil, essa foi a história dos bancos oficiais, federais ou estaduais, e seus empréstimos de cunho político. Os bancos dos estados, em grave situação financeira, vão exigir da União uma montanha de recursos de cerca de R\$ 50 bilhões este ano.

Para os bancos privados, o programa de reestruturação dos bancos, o Proer, não se caracteriza como uma proteção ao banqueiro, diz Giambiagi. Foi uma proteção ao correntista necessária para evitar uma crise sistêmica. O programa, diz ele, permitiu a reestruturação do sistema financeiro. Se a crise asiática tivesse acontecido em 1995, provavelmente o Brasil tivesse sido arrastado, diz ele.